

- **CRIAÇÃO**

# SENDAS DE BASHÔ

**Luiz Camilo LaFalce\***

**F**ilho de um calígrafo/samurai, Matsuo Bashô (Matsuo “Bananeira”) nasce em 1644, na província de Iga. Acolhido como pajem pela poderosa família Todo, desde cedo interessa-se pela poesia, ao mesmo tempo em que se torna amigo do jovem senhor e também praticante Yoshitada, cuja morte prematura faz Bashô optar por uma vida de poeta andarilho. Assim reescreve sua vida, como um monge, de aldeia em aldeia, singrando planícies, contemplando montanhas longínquas, acompanhando o movimento dos ventos... Seu corpo/palavra, imantado à natureza, recebe a morte em noite de outubro de 1694.

Uma de suas viagens, já aos 45 anos de idade, teve como destino as longínquas províncias japonesas do Nordeste, mais especificamente a região de Ôku, até hoje tida como acidentada e inóspita.

A longa, difícil e simbólica peregrinação a esse “longe” corporifica-se num diário poético – uma de suas principais obras: *Oku no Hosomichi* [*Sendas de Ôku* ou *Trilha estreita ao confim*]. Nela, como num perfeito *haibun*, gênero bastante difundido na época, mesclam-se, em jogo especular, trechos de límpidos e serenos relatos de viagem a vigorosas sínteses poéticas: os haikais.<sup>1</sup>

Oriundo da tradição poética japonesa, em especial do *renga*, jogo verbal em que dois autores se alternavam na composição de uma série de estrofes, o haikai configurou-se, depois, como forma poética autônoma.

\* Mestre em Literatura, Professor do Curso de Letras/Tradutor e coordenador do TGI da Faculdade de Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP.

<sup>1</sup> Aos leitores interessados, recomendo a tradução de Olga Savary, *Sendas de Ôku*, lançado pela Roswitha Kempf / Editores, cuja 2.ed. é de 1986. Nessa edição incluem-se dois ensaios de Octavio Paz, um de 1954, outro de 1970, ambos editados também pela Perspectiva (Signos em rotação). Outras obras afins:

BASHO, Matsuo. *Trilha estreita do confim*. Trad. Kimi Takenata e Alberto Marsicano. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva, 1969. Capítulo 2, *A poética da brevidade*. CAMPOS, Haroldo (Org.) *Ideograma*. Lógica, poesia, linguagem. São Paulo: Cultrix, 1977.

FRANCHETTI, Paulo et al. *Haikai*. Campinas: Unicamp, 1991.

LEMINSKI, Paulo. *Matsuo Bashô*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Em nossa tradição ocidental, corresponde, aproximadamente, a poema de 17 sílabas, distribuídas em três versos: o primeiro com cinco, o segundo com sete e o terceiro com cinco. Mas, de puro passatempo, deleite verbal, jogo cômico-epigramático, o haikai (nas mãos sábias de Bashô) movimenta-se em novo sentido, redefinindo-se – em precisa lâmina/samurai – como arte caligráfica, meditação, “alumbramento”: uma síntese em cuja mágica fanopéia e melopéia buscam o desenho e a música dos sentidos: fugaz brisinstante de humana paisagem.

---

Minha paixão pelo mundo oriental tem raízes atávicas. Bisneto de um mestre em bonsai, desde criança admirava as pequenas grandes árvores, delicadamente esculpidas pelo olhar do Odisan. Desenhava ideogramas imaginários, caligrafava estranhas regiões, fascinava-me com antigos livros e periódicos, cujo conteúdo tudo/nada significava.

Quando descobri o haikai, não sei dizer. Lembro-me, porém, da seriedade com que jogava as palavras cruzadas desde, talvez, quatro ou cinco anos. Não, não sabia nem ler nem escrever em língua portuguesa. Mas lia e escrevia. O haikai veio depois, com a leitura de poetas praticantes, impulsionando o desejo de tecer o poema, não com a pena, mas com a foice. Cicatrizes que ficaram: “*Le poète japonais / Essuie son couteau: / Cette fois l'éloquence est morte. Uma faca só lâmina. Poesia – sinal de menos ...*”.<sup>2</sup>

Hoje – exercitando a arte bonsai, em devaneio nas irregulares simetrias do mundo natural, poeta bissexto – presto homenagem ao mestre Bashô, oferecendo parte de um projeto de maior fôlego, a que chamei, provisoriamente, *Jardim/Jaz mim*. Nesses textos, aproximando-me do gênero *haibum*, deixo a linguagem andarilha errar por um jardim imaginário, recriando-o em pequenos textos em prosa, a que se seguem os haikais correspondentes. Vale dizer que a construção desses pequenos poemas se insere no chamado *texto-partitura*: a plurissignificação, que advém das imagens e, em especial, das ressonâncias paronomásticas, poderá ganhar destaque se o texto for lido, por exemplo, a duas vozes.

É um breve passeio, durante o impreciso instante da madrugada. Passagem, fluida presença, transe/trânsito do desejo, água noturna deslizando nas pedras dos significantes. Linguagem perambulando.

---

<sup>2</sup> “O poeta japonês / Enxuga sua faca / Desta vez, a eloquência morreu”. (N. E.)

**JARDIM / JAZ MIM**

Hóspede da lua  
Sendas de prata nas folhas  
Él caramuyo<sup>3</sup>



O jardim. Precioso tecido de avencas, musgo, lua, camélias e romãs, outros verdes, claros e noturnos tons, seixos e água, folhas de pele seca, carpas, pássaros, sendas e vento, sereno madrugada no tempo. O país e suas escuras sendas.

*A um longe - o jardim.*

*R astro, entre antigas pedras,*

*Pa (ra) lavra viva.*

---

<sup>3</sup> Esse haikai-epígrafe abre também um diálogo – não apenas com Bashô – mas com o poeta-crítico mexicano Octavio Paz. Ver, a propósito, Signos em rotação. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.184.



Da água à terra, das mãos ao fogo, entre as ameixeiras, ao pé da varanda, com seu quase não brilho, diz ao viajante da noite esta lanterna:  
*A casa é também sua. Entre.*

*Olhar do jardim noturno*

*pulsante (re) vela*

*luz de silêncio, jaz mim .*



Adivinhar as carpas na água em movimento. O que dizem as carpas fugidias, resvalando no leito/lama?

*Translúcida lâmina*

*L ânima trêmula fulva*

*In profundo f lúmen*



Na tradição oriental, o jardim de pedras é um espaço “zen”. Sobre o chão, um tapete de seixos, cascalhos, ou areia grossa. Nesse leito mineral rarefeito, dispõem-se, em irregular harmonia, pedras/rochas de tamanhos variados. Eis que brota, orgânico, o haikai.

*Dor m e leve a pedra*

*sobre os cascalhos do tempo*

*Ser ao sopro um dia ...*



O bonsai e seu código. A delicada e paciente arte nas mãos do escultor do tempo: a poda de raízes para preservar a vida, o desenho nos rebentos, antevendo futuros, velho galho rugoso. Jins e sharis. As múltiplas – mas limitadas – possibilidades de movimento: fukinagashi, kengai, bujingi, neagari, moyogi ...

Na fina bandeja de porosa argila, a pequena árvore habita o coração do olhar. Repousa, viva, a eterna ausência.

*Intenso arvo(a)r em flor .*

*As ( t ) ramas da angusti*

*ante ilusão do instante.*



As avencas do oriente: nandinas. Os finíssimos caules, a sutileza das folhas femininas ... O aviso da brisa, sedução do orvalho.

*Noite úmida entre nandinas*

*Sol rubor ! diamante*

*Renasce f (olhar) do dia*



Um lago banhado pelo sol da manhã. O mundo, Narciso cósmico, nele se contempla: a natureza em devaneio. Ahn?!

*Reticente espelho de água.*

*Pássa ro silente ?*

*Murmúrio ... apenas em vento.*